

FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

reflexões e resultados a partir do Projeto Gérbera

Jaíne Gabrielle de Andrade Souza ¹

Leywison Arthur Evaristo de Carvalho ²

INTRODUÇÃO

A educação inclusiva, assegurada por políticas públicas e orientada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), representa um dos maiores desafios e, ao mesmo tempo, uma das mais urgentes demandas da educação contemporânea. Promover a inclusão requer mais do que o acesso físico à escola: implica garantir o direito à aprendizagem, ao reconhecimento das diferenças e à valorização das potencialidades individuais. Nesse contexto, a formação docente constitui o eixo central de transformação das práticas pedagógicas, pois amplia saberes e atitudes capazes de assegurar um ensino equitativo e humanizador.

De acordo com Mantoan (2014) e Werneck (2000), a inclusão escolar é um compromisso ético e social que exige mudança cultural nas instituições e nas concepções de ensino. Zabala (1998) complementa que a prática educativa deve ser revisitada continuamente, articulando teoria e experiência para responder às necessidades concretas dos estudantes.

Nesse cenário, surge o Projeto Gérbera, desenvolvido no período pós-pandêmico em uma escola privada de Surubim-PE, com o objetivo de fortalecer o protagonismo docente na construção de estratégias inclusivas. A proposta fundamentou-se em metodologias ativas, Disciplina Positiva, neurociência aplicada à aprendizagem e estratégias pedagógicas inclusivas que promovem empatia, colaboração e respeito às diferenças.

De natureza qualitativa e caráter descritivo, a pesquisa buscou compreender como a formação continuada influencia o desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os resultados apontam maior compreensão docente sobre a diversidade, ampliação da autonomia profissional e fortalecimento de uma cultura escolar colaborativa, reafirmando a formação continuada como elemento essencial para a efetivação da educação inclusiva.

¹Pós-Graduada do Curso de Educação Especial e Inclusiva da Facuminas, jaine142010@hotmail.com;

²Mestre em Educação em Ciências e Matemática do Centro Acadêmico do Agreste da UFPE, leywison.arthur@gmail.com;



METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O presente estudo possui abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, fundamentado na análise da experiência formativa desenvolvida por meio do Projeto Gérbera. O projeto teve como propósito promover a formação continuada de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, visando consolidar práticas pedagógicas inclusivas baseadas na valorização da diversidade, na empatia e nas relações humanas.

A pesquisa foi estruturada em três etapas complementares:

- Diagnóstico inicial – levantamento das principais dificuldades e demandas docentes frente à inclusão, obtido por meio de observações e relatos espontâneos.
- Formação continuada – realização de encontros presenciais e remotos, organizados em torno de três eixos: Disciplina Positiva e relações interpessoais, neurociência aplicada à aprendizagem e estratégias pedagógicas inclusivas. As formações ocorreram em formato dialógico, com rodas de conversa, estudo de casos e oficinas práticas.
- Reflexão e sistematização – análise dos registros produzidos pelos docentes, incluindo anotações, relatos e registros fotográficos, com foco na percepção sobre os impactos da formação em suas práticas.

A análise dos dados seguiu os princípios da análise de conteúdo (Bardin, 2011), permitindo compreender transformações no plano individual — como atitudes e segurança profissional — e coletivo, especialmente quanto à colaboração, empatia e planejamento inclusivo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A efetivação da educação inclusiva requer uma formação docente contínua e reflexiva, que sustente práticas pedagógicas capazes de acolher a diversidade e promover a aprendizagem de todos os estudantes. Mantoan (2014) afirma que a inclusão vai além da matrícula de alunos com deficiência, exigindo a reorganização das práticas escolares e das relações pedagógicas. Para Werneck (2000), trata-se de um direito e de um compromisso social que demanda atitudes éticas e colaborativas no cotidiano escolar.

Segundo Zabala (1998), a prática educativa precisa ser permanentemente revisitada, articulando teoria e experiência para atender às necessidades reais dos educandos. Nessa mesma direção, Felicetti e Batista (2020) destacam que a formação



docente deve integrar aspectos teóricos e práticos, ampliando o repertório pedagógico e o olhar sensível às singularidades.

O Projeto Gérbera fundamenta-se nesses princípios, articulando Disciplina Positiva, neurociência aplicada à aprendizagem e estratégias inclusivas para fortalecer vínculos, promover empatia e valorizar potencialidades. Desse modo, reafirma-se a formação continuada como via essencial para a construção de uma cultura escolar inclusiva, em consonância com as diretrizes da BNCC e as políticas públicas de educação inclusiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados possibilitou a identificação de três categorias analíticas centrais, que refletem as transformações observadas ao longo do processo formativo: (1) Reconhecimento da diversidade como potencial educativo; (2) Reconfiguração da prática docente; e (3) Construção de uma cultura colaborativa de inclusão.

1. Reconhecimento da diversidade como potencial educativo

No início do projeto, foi possível observar uma compreensão limitada sobre o conceito de inclusão, frequentemente associada apenas à presença física de estudantes com deficiência em sala de aula. Entretanto, à medida que os encontros formativos avançaram, os docentes passaram a compreender a diversidade como elemento enriquecedor da aprendizagem. Essa mudança de percepção corrobora a afirmação de Mantoan (2014) de que a escola inclusiva é aquela que aprende com as diferenças e não apesar delas. O contato com fundamentos da neurociência aplicada à aprendizagem contribuiu para que os professores percebessem que cada estudante possui um modo singular de processar informações, reforçando a importância de planejar estratégias diversificadas e sensíveis às individualidades.

2. Reconfiguração da prática docente

Outra transformação significativa ocorreu no campo das práticas pedagógicas. A partir das discussões e estudos de caso, os professores começaram a implementar adaptações curriculares mais flexíveis, o uso de recursos multimodais e estratégias baseadas na Disciplina Positiva, priorizando o vínculo e o respeito mútuo. Essa reconfiguração da prática está alinhada ao que Zabala (1998) define como “aprendizagem



significativa”, em que o ensino se adapta à realidade do aluno, e não o contrário. A reflexão sobre as próprias ações permitiu aos docentes desenvolver maior autonomia e confiança profissional, reduzindo sentimentos de impotência frente aos desafios da inclusão. Como destacam Felicetti e Batista (2020), a formação docente precisa provocar deslocamentos conceituais que se convertam em práticas concretas, o que foi evidenciado pela incorporação de metodologias mais participativas e empáticas.

3. Construção de uma cultura colaborativa de inclusão

A última categoria emergente refere-se à dimensão coletiva do processo. A experiência formativa favoreceu o fortalecimento do trabalho colaborativo entre os professores, promovendo espaços de escuta, apoio e corresponsabilidade. As rodas de conversa e os momentos reflexivos criaram oportunidades para que os docentes compartilhassem dúvidas, avanços e descobertas, fortalecendo o sentimento de pertencimento e a ideia de que a inclusão é uma tarefa coletiva, não individual. Esse resultado dialoga com Werneck (2000), que afirma que a sociedade inclusiva se constrói pela cooperação e pela eliminação de práticas excludentes sustentadas pela indiferença.

De forma geral, os achados empíricos indicam que o Projeto Gérbera atuou como catalisador de mudanças na cultura escolar, estimulando posturas mais reflexivas, empáticas e inovadoras. As discussões éticas suscitadas durante o processo — sobre equidade, respeito e justiça educacional — permitiram que os docentes reconhecessem seu papel social como mediadores de oportunidades, reafirmando a educação inclusiva como direito e compromisso coletivo.

Assim, as categorias apresentadas evidenciam que a formação continuada, quando pautada em metodologias ativas e em referenciais humanistas, não apenas amplia o repertório pedagógico dos professores, mas também transforma suas atitudes e intencionalidades educativas. Tais resultados fortalecem as perspectivas teóricas de Mantoan (2014), Werneck (2000) e Zabala (1998), reafirmando que uma escola verdadeiramente inclusiva é aquela que se refaz continuamente no encontro com a diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



A experiência desenvolvida por meio do Projeto Gérbera evidenciou que a formação continuada é um instrumento transformador das práticas pedagógicas e das concepções docentes sobre a inclusão. O estudo revelou que, quando os professores são convidados a refletir criticamente sobre sua prática, dialogar com seus pares e experimentar novas estratégias, ocorre uma ampliação real de competências socioemocionais e metodológicas, resultando em ambientes de aprendizagem mais colaborativos e sensíveis às diferenças.

Constatou-se que o processo formativo promoveu não apenas a aquisição de novos saberes técnicos, mas também a ressignificação do olhar docente sobre a diversidade, transformando desafios em oportunidades de crescimento mútuo. Essa mudança de perspectiva demonstra que a inclusão não se concretiza apenas por políticas públicas, mas pela disposição ética e humana dos educadores em reconhecer o potencial de cada estudante e adaptar o ensino às suas singularidades.

A pesquisa reforça, portanto, a premissa defendida por Mantoan (2014) e Werneck (2000) de que a educação inclusiva é um direito e um compromisso coletivo, que exige constante revisão das práticas e dos valores institucionais. O Projeto Gérbera contribuiu para consolidar essa visão, demonstrando que a formação continuada, quando articulada à realidade escolar e sustentada por metodologias ativas e reflexivas, é capaz de gerar impactos concretos no cotidiano educativo e na cultura organizacional.

Em termos de aplicação empírica, os resultados alcançados podem subsidiar novas ações formativas em outras instituições, públicas e privadas, que buscam fortalecer a inclusão por meio do protagonismo docente. Além disso, abre-se espaço para novas pesquisas que aprofundem o estudo sobre os efeitos da formação continuada a longo prazo, investigando dimensões como o acompanhamento pedagógico, o suporte emocional aos docentes e a efetividade das adaptações curriculares.

Por fim, esta pesquisa reafirma que educar para a inclusão é educar para a humanidade — um processo em constante construção, que demanda sensibilidade, compromisso e abertura ao novo. O Projeto Gérbera se torna, assim, uma semente de transformação, cujo florescimento depende da continuidade do investimento em formação, diálogo e escuta nas escolas.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; Formação Docente; Práticas Pedagógicas; Disciplina Positiva; Neurociência e Aprendizagem.

AGRADECIMENTOS



À Alice, cuja voz permaneceu silenciosa por muito tempo, mas cuja presença falou profundamente. Com o mutismo seletivo, ela me convidou a ouvir com os olhos, a compreender com o coração e a educar com humanidade. Ao longo de um ano, cada gesto tímido, cada olhar cuidadoso e cada pequena conquista foram para mim lições silenciosas de paciência, empatia e respeito. No final, quando suas palavras finalmente me alcançaram, senti não apenas a alegria de sua confiança, mas a confirmação de que educar para a inclusão é, acima de tudo, transformar-se em um ser humano capaz de dignidade, cuidado e amor.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011. 279 p.

FELICETTI, Suelen Aparecida; **BATISTA**, Irinéa de Lourdes. A formação de professores para a educação inclusiva de alunos com deficiências a partir da literatura. *Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 12, n. 24, p. 165–180, 2020. DOI: 10.31639/rbpf.v12i24.312. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/312>. Acesso em: 21 set. 2025.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* 11. ed. Campinas: Papirus, 2014.

WERNECK, Cláudia. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. 2. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2000.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

